

SOBRE ARTÍFICES E INSTRUMENTOS: O ESTUDO DA RELIGIÃO NO BRASIL E ALGUMAS TENDÊNCIAS METODOLÓGICAS

*Sílvia Regina Alves FERNANDES**

RESUMO: O estudo da religião no Brasil tem se expandido com ênfase em abordagens etnográfica e/ou antropológica. Este fato questiona a maior ausência da Sociologia na análise do fenômeno religioso e indaga sobre a explicitação dos percursos metodológicos no decurso de nossas investigações. Nesse texto busco pensar a prática sociológica aplicada ao estudo da religião a partir de contribuições dos autores C. Wright Mills, Richard Sennett e Tim Ingold sobre a relação do pesquisador com o mundo material. A partir de um levantamento preliminar na Revista *Religião e Sociedade*, trabalharei na segunda seção algumas tendências metodológicas e as áreas de conhecimento predominantes na Revista nos seis últimos anos. Na última seção apresento o desenho de uma pesquisa sociológica sobre catolicismo no estado do Rio de Janeiro enfocando os percursos metodológicos e desafios enfrentados no desenvolvimento do estudo.

PALAVRAS-CHAVE: Metodologia científica. Sociologia da religião. “Artesanato intelectual”. Catolicismo.

Introdução: de artesanatos e sociologias

Sejamos um bom artesão: evitemos qualquer norma de procedimento rígida. Acima de tudo, busquemos desenvolver e usar a imaginação sociológica. Evitemos o fetichismo do método e da técnica. É imperiosa a reabilitação do artesão intelectual desprezioso [...] que a teoria e o método se tornem novamente parte da prática de um artesanato. (MILLS, 1969, p.240).

* Pesquisadora Sênior CAPES – Universidade da Flórida. UFRRJ – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. PPGCS/Instituto Multidisciplinar. Nova Iguaçu – RJ – Brasil. 28285-060 – fernandes.silv@gmail.com

Recentemente reli Wright Mills (1969) – polêmico pensador norte-americano, organizador de obras de Max Weber – em seu instigante e clássico texto *A imaginação Sociológica*. Tenho uma preocupação latente com o labor da investigação científica aplicada especialmente ao estudo da religião e compartilho muitas das inquietações de Wright Mills sobre *o como*; sobre o dia a dia do cientista social em seu ofício de artesão ou em seu artesanato intelectual.

Nos últimos anos e por caminhos diversos, três autores convergiram para o debate aqui introduzido. Além de Wright Mills; Richard Sennett (2009, 2012) e mais recentemente, Tim Ingold (2012). Suas obras convergem ao focar o pesquisador e seu engajamento na dinâmica cotidiana permeada por um universo polissêmico que o deve provocar e performar. Trata-se de uma inquietação que implica uma redescoberta de si na medida em que o pesquisador é interpelado pelas infundáveis questões presentes em realidades sociais mais amplas que o seu próprio contexto ou biografia.

Wright Mills constrói um passo a passo árduo no fazer sociológico que deverá estar conectado à vida do pesquisador. A construção dos “arquivos” como um exercício sociológico fértil situa a análise numa direção não reducionista traduzida pela dialética da ampliação e redução do escopo dos temas implicados em um dado objeto. Há que assegurar a contínua reflexão entre o que se é; entre as experiências e fatos cotidianos e a escolha da peça (objeto) e das ferramentas (técnicas) a serem usadas no laborioso ofício sociológico. Assim, cada registro de uma nota lida em um livro; cada pensamento que se nos ocorre; cada fato da vida pode e deve compor o arquivo interativo que construímos como fonte de inspiração. Este vai sendo organizado e lapidado a partir de determinados sentidos em um movimento de registro e busca de interconexões a integrar a cultura e vários campos de conhecimento.

O conjunto articulado nesse bloco de notas necessita ser criativo; aberto a proposições impensadas; livre a reformulações e testes que necessitarão de ferramentas metodológicas eficazes. O autor fornece várias pistas para o desenvolvimento da pesquisa e suas sugestões abarcam o campo das investigações qualitativas e quantitativas. A “busca de ordem” (MILLS, 1969, p.240) conduz o cientista à observação de tendências e regularidades, e à compreensão dos sentidos – seguindo de perto a boa tradição weberiana –, daquilo que pode ser interpretado como um sinal visível do invisível. O cientista social deve ampliar seu ponto de vista de modo que sua mente seja análoga a um “[...] prisma móvel, colhendo luz de tantos ângulos quanto possível.” (MILLS, 1969, p.231).

O polêmico sociólogo sustenta haver um determinado condicionamento dos indivíduos pela vida social, mas isso não os tornaria imóveis ou passivos. Cada

um deles transforma as instituições sociais por meio de sua própria história e ação (VELHO, 2006).

Evidencia-se em Wright Mills um pragmatismo na reflexividade sobre o pesquisador em sua relação com a cultura e a história. Estes aspectos não encapsulam a técnica e a metodologia em si mesmas, mas as posicionam dinamicamente nas experiências vividas pelos indivíduos em seu tempo. Estamos diante de uma espécie de técnica a serviço do ofício e da imaginação sociológica.

O texto de Wright Mills encontra ressonância anos mais tarde em Richard Sennett (2009, 2012), outro pensador norte-americano que lhe faz breve referência identificando menos pontos de convergência do que pude perceber entre ambos. Conforme um resenhista: “Mesmo sem pretender, Sennett parece partilhar o encantamento de Wright Mills com as formas históricas do trabalho desenvolvidas nas oficinas medievais.” (BOSI, 2010, p.03).

Expandindo as afinidades entre esses autores, nota-se o pensamento pragmático curiosamente transformado em filosofia do conhecimento ou em como o ato de produzir, seja o conhecimento científico, seja uma simples tarefa como “a criação dos filhos” (SENETT, 2009, p.323) nos envolve em mãos e mentes.

A visão de Sennett (2009, 2012) se aproxima da enunciada por Wright Mills, sobretudo pelo uso da metáfora do artífice, similar ao artesão. Contudo, Sennett propõe um giro materializado que integra uma amplitude de ofícios e saberes próprios aos seres humanos e não exclusivamente aos sociólogos. Para Sennett (2009, p.56). “[...] pensar como um artífice é mais que um estado de espírito: representa uma aguda posição crítica na sociedade.” E esta posição denomina-se **engajamento**. O desenvolvimento de uma habilidade artesanal trajada pela qualidade do que fazemos é uma das condições importantes no campo laboral ainda que possa implicar um traço obsessivo em busca da qualidade. A conceituação de habilidade artesanal passa pelo reconhecimento de um *continuum* entre o orgânico e o social.

Uma das inquietações de Sennett diz respeito à relação entre “a mão e a cabeça” (2009, p.20) ou no quanto o trabalho prático nos faz pensar. O nosso mundo material tem influência no modo como pensamos e, por isso, o autor atribui extrema importância à cultura material vista como um elemento pedagógico no aprendizado dos indivíduos sobre si mesmos.

De forma inovadora o autor em questão realiza a reabilitação da técnica uma vez que não a toma como um procedimento mecânico e irreflexivo, mas como uma questão cultural e, de certo modo, concebida como um instrumento aplicável a estilos de vida que se caracterizam por envolver determinados tipos de ofício, sejam estes formados por atividades mentais ou manuais. Há vínculos entre o fazer e o pensar; afinidades entre a mão e a mente no ato de produzir.

Mas a escolha das ferramentas corretas é crucial nesse movimento. A atitude de bem escolher é uma forma de conhecimento, uma vez que ferramentas podem nos exigir recriação e reformulação do modo como a utilizamos, transgredindo, por vezes, a sua finalidade primeira. Elas nos levam a realizar concertos que revelam o real funcionamento das coisas, e a dinamicidade do concerto pode estimular o artífice a buscar novas ferramentas para o manuseio de determinados objetos. A escolha de ferramentas adequadas permite os reparos e supõe desafios e novos aprendizados.

A liberação do artífice em cada um dependerá do exercício de apropriação criativa das ferramentas cujos usos conseguimos desvendar e nos apropriar. Há um elemento que estimula a ação do artífice, segundo Sennett (2009, 2012), e que se assemelha a visão de Mills quanto à imaginação sociológica: a curiosidade. O esforço do artífice na realização de um trabalho de qualidade dependerá da curiosidade que mantiver frente ao material que dispõe.

Outro ponto forte em Sennett (2012, p.241) é a ideia de “corporificação”, compreendida como a ligação entre o físico e o social que se dá no ofício do artesão que aqui proponho ser pensado como o cientista social. O foco de Sennett são as relações de cooperação e sua inquietação refere-se a como as habilidades corporificadas podem fortalecê-las. Há três tipos de corporificações: 1. O ritual construído por diferentes ritmos do trabalho físico; 2. A maneira como os gestos físicos são capazes de informar as relações sociais e 3. A maneira como o ofício do artesão com a resistência física ilumina, de certo modo, o desafio do trato com as resistências e diferenças sociais.

Destaco o primeiro caso que considera o ritmo a orientar o desempenho das capacidades humanas e que pode retardar a obtenção dos resultados. Como não pensar nas inúmeras horas que dedicamos ao nosso ofício e ao amadurecimento de uma hipótese de trabalho? Para Sennett (2012) o ritmo do desenvolvimento dessas capacidades converte-se em ritual na medida em que é praticado sistematicamente. Ele denomina este ritual como trabalho “corporificado”. Aqui há outro ponto de contato com Wright Mills quando este afirma a necessidade de haver certo cultivo da “imaginação sociológica”. Sem uma rotina e um grande volume de trabalho essa imaginação não se pode efetivar (MILLS, 1969).

As reflexões de Sennett convergem para o meu propósito demarcado pelo esforço em qualificar os caminhos que percorremos na construção do conhecimento, de modo mais retido no que tange ao estudo do fenômeno religioso. O treino, a persistência dos quais nos fala Wright Mills, são retomados ainda que não intencionalmente por Sennett (2009, p.48-49) quando este nos brinda com o exemplo de Wolfgang Amadeus Mozart. Embora causasse a impressão de produzir uma

música espontânea ou por inspiração, Mozart perpassava inúmeras vezes a partitura mentalmente antes de registrá-la em sua pauta. Repetição reflexiva e lenta compõe assim a produção do conhecimento e favorece o cultivo do prazer no ofício.

Esses autores em seus enfoques sobre o conhecimento e o *status* do pensador em seu meio não isolaram os eventos pelos quais somos perpassados em nossas oficinas de trabalho, mas refletiram sobre muitos dos elementos que estão implicados no fazer sociológico e nos modos como construímos nossa relação com o conhecimento. Eles nos dão lições de metodologia que implicam engajamento; em consideração à existência de uma cultura material demarcada pelo modo como as pessoas modelam o próprio empenho, as relações sociais que estabelecem e o ambiente físico. A partir de então encontramos pontos de contato com a Antropologia de Tim Ingold (2004) que pretende oferecer novos modos de pensar os seres humanos e seu lugar no mundo, considerando as dinâmicas de campos relacionais. (SILVA apud INGOLD, 2004).

Tim Ingold é um antropólogo britânico contemporâneo que defende as interações sociais em ambiente multiconstituído. A vida social é engajamento material e *craft skill* (INGOLD, 1991) que supõe interação e constituição do sujeito por ambientes orgânicos, sociais e biológicos. Reagi a Tim Ingold (1991, 2012) por sua pretensão de superação de elementos fundantes das ciências sociais, em sua crítica à antropologia cognitivista. Considero ser esta uma tese polêmica que mereceria relativizações importantes. Os princípios de Ingold para a existência de interação social não estão restritos ao campo sociológico e esse fato, na visão de Regina Silva (2011)¹, não abala a base epistemológica da Antropologia clássica como talvez pretendesse o próprio Ingold. Não obstante, o pensamento do autor nos remete à reflexão metodológica e assegura um lugar relevante no debate sobre o ofício das ciências sociais, mais especificamente da Antropologia.

De modo particular, o conceito de *engagement* de Ingold converge para os meus objetivos. Para ele a experiência pauta a forma como os indivíduos habitam o mundo e é exatamente o mundo que nos dá os materiais necessários em nosso empreendimento de produtores de conhecimento (INGOLD, 2012). Como somos pesquisadores? Como relatamos e transmitimos a experiência de ser e de pesquisar? E com quais objetivos? Essas questões são tangenciais no pensamento de Ingold, que intenta provocar um balanço estrutural nas noções de pessoa e organismo como domínios não estanques. Ele acredita que tememos romper com as bases epistemológicas da racionalidade científica apesar de conscientes da necessária ruptura, pois as Ciências Sociais radicalizaram a separação entre o

¹ A autora escrutina a obra de Tim Ingold e critica determinados aspectos, como a busca da subjetividade de Ingold numa espécie de "ontologia realista" ignorando a perspectiva weberiana, dentre outras, cujo um dos principais méritos foi assegurar a objetividade do rigor científico ainda que criticando o positivismo.

mundo e o modo como o imaginamos, mas nós nunca pudemos, na verdade, desvincularmo-nos de nossa própria imaginação (INGOLD, 2012). Divirjo especialmente desse ponto e tendo a adotar as perspectivas de Wright Mills e Sennett. Para estes a tomada de consciência da imaginação e do lugar do indivíduo na vida social são premissas nos processos de produção do conhecimento, capazes de reabilitar a técnica e a habilidade artesanal. Estas não podem abandonar os pilares constitutivos das Ciências Sociais em sua diferenciação frente a outras áreas das Ciências Humanas.

Nas próximas seções tratarei de duas situações empíricas com base nessas reflexões sobre a construção do objeto de pesquisa e a relação do pesquisador com as ferramentas metodológicas.

A Revista *Religião e Sociedade* e um breve balanço metodológico – 2007-2012.1

Sem desejar generalizar a minha percepção sobre o estado de arte dos estudos da religião no Brasil – uma vez que meu levantamento está circunscrito a um único periódico científico² e a um período limitado deste – tecerei breves comentários situando a produção do periódico em análise no debate sobredito.

Os sociólogos da religião no Brasil têm dialogado tradicionalmente com a antropologia e mais recentemente com os cientistas sociais da religião³. Considerando a necessária (re) descoberta de abordagens metodológicas a partir do nosso ofício, minha inquietação emerge, por exemplo, quando a imprensa nos demanda análises sociológicas acerca da religião no Brasil. Especialmente sobre o catolicismo, são pedidos números e explicações plausíveis sobre seu declínio quantitativo.

Sem pretender adentrar no mérito da abordagem jornalística, que em geral, implica imediatismos e apelos a frases causais, deparo-me com os impasses do artifice do conhecimento e com a insuficiência de dados que cotejem perspectivas comparadas ou universos mais amplos que os nossos frequentes casos. Sobretudo os dados de natureza quantitativa são escassos, fato que impõe limitações às

² Pretendo desenvolver um estudo comparado entre a Revista *Religião e Sociedade* e o periódico *Ciências Sociais y Religion* no decurso dos dez últimos anos.

³ Atualmente há no país dez Programas de Pós-Graduação em Ciências da Religião ou Ciências das Religiões que são classificados pela CAPES na grande área Teologia. Frequentemente os pesquisadores a eles vinculados têm comparecido nos Congressos de Antropologia e Sociologia ampliando a interlocução entre esses analistas, embora não se deva descuidar das bases epistemológicas de cada área.

interpretações sobre o fenômeno enquanto processo de longa duração, como é o caso do declínio do catolicismo.

No Brasil os estudos quantitativos na área de Ciências Sociais têm sido timidamente desenvolvidos. Este déficit pode ser atribuído a dois fatores: 1. Os programas de Pós-graduação em Ciências Sociais têm privilegiado a metodologia qualitativa na formação dos novos pesquisadores; 2. As pesquisas quantitativas são onerosas e há relativa dificuldade de captação de recursos. O déficit de pesquisas quantitativas pode ser ainda uma idiosincrasia brasileira em razão de deficiências na formação matemática e estatística, seja dos docentes, seja dos alunos (DURHAM, 2005; SOARES, 2005).

Se considerada a Sociologia da Religião, o quadro acima se confirma uma vez que o fenômeno religioso tem sido sistematicamente investigado numa perspectiva qualitativa que embora permita explorações substantivas restringem, a meu ver, abordagens de longa duração com bases sólidas de comparabilidade. As ricas descobertas de nossas pesquisas qualitativas renderiam progressos teórico-metodológicos se complementadas com técnicas quantitativas; opção mais rarefeita nos estudos da religião no Brasil.

A ênfase na ótica qualitativa no campo em questão, se por um lado permitiu a inclusão de novas problemáticas diante do processo de pluralização religiosa na sociedade brasileira, por outro, favoreceu uma acomodação metodológica que tanto pode limitar o escopo das investigações quanto reificar uma ferramenta, contrariando as recomendações clássicas aqui discutidas. Assim, o estado de arte da Sociologia e da Antropologia brasileiras no campo da religião exige estudos que façam uso de instrumentos analíticos disponíveis na metodologia quantitativa de modo que a complexidade da adesão religiosa possa receber novos *approaches* e dialogar com mais propriedade com a literatura internacional.

A título de exemplo, o *Journal for the Scientific Study of Religion* reuniu em uma edição nove textos com resultados de pesquisas quantitativas. Dentre estes, destaca-se uma enquete realizada a partir de uma sólida base de dados em Ciências Sociais da Holanda⁴ (GRAAF; GROTENHUIS, 2008) sobre crenças cristãs tradicionais e suas diferentes tendências no período de 1979 a 2005. Esta base permitiu análises a partir de modelos elucidativos de regressão linear sobre católicos, protestantes liberais, protestantes ortodoxos, lideranças das Igrejas e não membros. Uma das conclusões da pesquisa foi o substancial declínio de crenças tradicionais cristãs. Mas a inclusão das variáveis educação e idade resultou em ponderações importantes impossíveis de serem aferidas sem o uso das ferramentas analíticas quantitativas.

⁴ Trata-se da *Socio-Cultural Developments in the Netherlands* – SOCON, produzida a cada cinco anos.

A constatação sobre o predomínio de pesquisas qualitativas no campo da Sociologia e da Antropologia da religião foi corroborada pelo Centro de Estudos da Religião Pierre Sanchis – CERPS (CARDOSO et. al., 2002). Para os autores, o acúmulo de achados da pesquisa qualitativa permitiria equacionar questões substantivas que formatam a pesquisa quantitativa. Sendo assim, urge não excluir possibilidades teórico-metodológicas, mas integrá-las e aperfeiçoá-las.

Alguns centros de pesquisa brasileiros se destacam quanto ao esforço da produção mais abrangente e quantitativa do fenômeno religioso. São eles: O Centro Brasileiro de Análise e Planejamento – CEBRAP por meio do CEM – Centro de Estudos da Metrôpole (ALMEIDA; MONTERO, 2001); O CERPS, supracitado, e o Centro de Estatística Religiosa e Investigações Sociais – CERIS, que produziu no período de 2000 a 2006 dois *surveys* (SOUZA; FERNANDES, 2002; FERNANDES, 2006).

No balanço feito na Revista **Religião e Sociedade** evidencia-se a força da abordagem antropológica nos artigos publicados. Com efeito, não é possível saber se a Revista tem recebido mais artigos oriundos de antropólogos ou se os artigos aceitos para publicação, em razão de mérito científico, provêm da Antropologia. Independentemente das razões para a realidade atual da produção divulgada na Revista fica o desafio à Sociologia da Religião que poderia explorar um campo de possibilidades analíticas em profícuo debate com a antropologia.

O conjunto de dados a seguir foi construído a partir das edições da Revista disponíveis na plataforma científica *Scielo*. Considerei a classificação dos artigos de acordo com a área de formação do autor e o tipo de abordagem teórico-metodológica utilizada. Alguns autores informavam duas áreas de formação e a minha escolha foi classificá-los de acordo com a área referente à maior titulação. Esse caminho foi árduo, pois havia textos com seções mais teóricas e outras mais etnográficas. Nesses casos identifiquei os objetivos do texto, quando explicitados e analisei o tipo de abordagem predominante. A partir de então montei a base de dados no programa de análises quantitativas SPSS e realizei o cruzamento das três variáveis implicadas no levantamento: 1. O tipo de abordagem; 2. A apresentação dos percursos teórico-metodológicos; 3. A área de conhecimento.

Com efeito, a análise do periódico visou não apenas classificar seus conteúdos de acordo com a abordagem e área acadêmica, mas verificar a proporção de artigos em que os autores explicitam ao leitor a metodologia adotada. Eu pretendia compreender, a partir deste universo, possíveis tendências sobre a explicitação do **como** em nosso ofício buscando o aprimoramento da ciência e a transparência nos processos que nos conduziram à feitura de nossas peças artesanais.

Tabela 1: Balanço metodológico Religião e Sociedade segundo a área e abordagem, Anos 2007 a 2012.1

Área de formação dos autores	Abordagem								
	Etnográfica	Teórica	Estudo de caso	Estudo de Trajetória	Análise de conteúdo	Análise de discurso	Survey	Histórica	Total
Antropologia	21	20	17	2	1	1			62
Sociologia	1	2	5	1		1	1		11
Sociologia e Antropologia			1						1
Ciências Sociais	1	3	2	1					7
Ciência Política	1			1					2
Psicologia Política	1								1
História			1					1	2
Direito		1						-	1
Artes Cênicas	1							-	1
Arquitetura								1	1
Ciências da Religião					1				1
Total	26	26	26	5	2	2	1	2	90

Fonte: Religião e Sociedade – Elaboração própria (2012).

É notória a produção antropológica na Revista *Religião e Sociedade* no período de 2007 até o primeiro semestre de 2012. Dentre os noventa artigos publicados, excetuando-se as resenhas, sessenta e dois são antropológicos e asseguram 68,8% da produção no período. A Sociologia é a segunda área de conhecimento, contando, entretanto, com um número reduzido de artigos (12,2%) no conjunto analisado.

Na Antropologia prevalecem a etnografia, os estudos puramente teóricos e os estudos de caso. Na Sociologia destacam-se, em primeiro lugar, os estudos de caso e há uma dispersão entre estudos teóricos, etnografia, estudo de trajetória, análise de discurso e um estudo do tipo *survey*. Se considerarmos a incidência sobre os tipos de abordagem no conjunto de artigos publicados sem relação direta com a área de conhecimento há um empate (26) entre os textos de abordagem etnográfica, teórica

e os estudos de caso, sendo estas as opções metodológicas principais dos autores no período pesquisado.

Mas, no conjunto de artigos, como emergem as narrativas sobre os percursos metodológicos? Estaríamos explicitando o como de nossas pesquisas? As mudanças ou confirmação de hipóteses estariam suficientemente demonstradas na produção, orientando pesquisas futuras e permitindo um caminho seguro de comparabilidade? Vejamos essas tendências na tabela a seguir.

Tabela 2 – Relação entre demonstração da metodologia e área de conhecimento na Revista *Religião e Sociedade* – 2007 a 2012.1

ÁREA	Demonstração da metodologia utilizada no trabalho			
	SIM	NÃO	PARCIAL	TOTAL
Antropologia	22	20	20	62
Sociologia	10	1		11
Sociologia e Antropologia	1			1
Ciências Sociais	3	3	1	7
Ciência Política	1	1		2
Psicologia Política		1		1
História	1	1		2
Direito	1			1
Artes Cênicas	1			1
Arquitetura		1		1
Ciências da Religião	1			1
Total	41	28	21	90

Fonte: *Religião e Sociedade* – Elaboração própria (2012).

Como se observa, em quarenta e um dos noventa trabalhos analisados (45,5%), os autores de diferentes áreas do conhecimento expressaram seus caminhos metodológicos. Entretanto, em vinte e oito trabalhos (31,1%) isso não ocorreu. Há ainda uma tendência fortemente presente na Antropologia de mencionar parcialmente esses percursos. Assim, quando encontrado algum indício nessa direção, seja em nota de rodapé, seja quando mencionado apenas o tipo de entrada no campo optei por classificar como uma informação parcial. A esse conjunto foram agregados vinte e um trabalhos, representando 23,3% do total publicado em quase seis anos. Cabe sublinhar ainda que, em se tratando das duas grandes áreas presentes na Revista, em termos proporcionais, a Sociologia se destaca quanto à visibilidade

dos percursos metodológicos usados. Assim, se na Antropologia, 35,4% dos textos possuem descrição metodológica, na Sociologia, praticamente a totalidade dos artigos publicados a apresentam lançando aí um novo conjunto de indagações sobre os nossos ofícios.

Na próxima seção apresento notas analíticas e metodológicas sobre a pesquisa que venho desenvolvendo e evidencio a construção de nossa **peça artesanal** constituída pela análise do catolicismo no estado do Rio de Janeiro.

Catolicismo no Rio de Janeiro: percursos de uma pesquisa

Não obstante as informações do penúltimo censo (2000) que situam o estado do Rio de Janeiro com a menor proporção de católicos do país (55,7%), nenhum estudo sociológico foi realizado tendo este dado como objeto. Esta lacuna me motivou a iniciar uma pesquisa sobre o fenômeno em questão⁵: que elementos fariam do Rio de Janeiro o estado menos católico do Brasil e que tipo de catolicismo nele ainda persistiria?

Embora os dados do censo 2000 sobre religião no Brasil tenham sido exaustivamente trabalhados (ainda que com baixa atenção para o Rio de Janeiro), houve poucos investimentos que permitissem uma atualização e/ou sofisticação dos números censitários. Dentre as raras investigações que ampliaram os dados do censo destacam-se: 1. Duas pesquisas de abrangência nacional (JACOB et al., 2003, 2006) e 2. Uma pesquisa sobre a mudança de religião no Brasil (FERNANDES, 2006). Enquanto as duas primeiras apresentaram novos cruzamentos, a pesquisa de Fernandes (2006) coletou dados primários por meio de pesquisa domiciliar. Este esforço favoreceu novas produções (CAMPOS, 2008; COELHO, 2009; NERI, 2007).

O cenário religioso brasileiro abrange uma infinidade de temas, tais como o trânsito religioso (ALMEIDA, 2006; FERNANDES, 2006); a religiosidade dos sem-religião (NOVAES, 2006; FERNANDES, 2006); as mudanças internas do catolicismo (MARIZ, 2005; SANCHIS, 2001), dentre outros. A maioria desses trabalhos, de natureza qualitativa, sinalizou para um consenso sobre o *status* do catolicismo na sociedade brasileira: a fragilização de sua hegemonia mesmo se considerados os sincretismos inerentes à formação religiosa do país. Constata-se, portanto, que nos últimos quarenta anos a Igreja Católica se confrontou com uma

⁵ O título da pesquisa em andamento é: Carismas e Instituições: a crise do catolicismo no estado do Rio de Janeiro e o paradoxal avanço das novas comunidades religiosas. Agradeço ao CNPq e FAPERJ pelo apoio recebido.

concorrência religiosa que a tem desestabilizado ante o estatuto de religião herdada e professada como um dos elementos da identidade nacional e individual.

No último censo (2010) houve nova queda de católicos que passaram a somar 64,6%; os evangélicos 22,1% e os sem-religião, 8%. Esses seriam os três grupos que concentram as tendências de identificação religiosa no Brasil. A expansão do pentecostalismo e dos novos movimentos religiosos corrobora o panorama heterogêneo em que se situa a Igreja Católica e exige novas interpretações sobre as escolhas dos brasileiros em contexto de pluralismo religioso. Soma-se a esta perspectiva a diversidade interna da Igreja, que se constitui por catolicismos. Se por um lado, este fato corrobora seu caráter universal capaz de abrigar diferentes expressões de uma mesma fé; por outro; produz tensões e dilemas internos.

Um exemplo dessas tensões é expresso pela Renovação Carismática Católica / RCC e a emergência das novas comunidades religiosas, algumas das quais advogam o estatuto de instituto religioso, como é o caso da Toca de Assis⁶ (FERNANDES; FROEHLE, 2011). A RCC, ao herdar aspectos do *ethos* pentecostal (FERNANDES, 2009) exige atenção da hierarquia, historicamente preocupada com cismas e rupturas.

A situação de crise da Igreja Católica – se tomados o dado quantitativo e a realidade específica do estado do Rio de Janeiro em relação à baixa proporção de católicos – exige a compreensão sociológica acerca dos tipos de catolicismo que ainda persistem e que dinâmica engendram na diversidade de alguns municípios do estado. Por outro lado, a expansão da RCC no Rio de Janeiro é visível em automóveis que carregam adesivos com a inscrição: “sou feliz por ser católico”; ou por meio da expansão do mercado religioso com seus diversos símbolos católicos oferecidos nos sites católicos de orientação carismática e nas lojas de produtos religiosos. Tem-se, portanto, o *ethos* carismático difundido nos últimos anos de modo particular por meio dos programas televisivos, dos shows-missa e da internet, como um elemento fortalecedor da adesão ao catolicismo.

Desse modo, no caso específico do Rio de Janeiro, se por um lado há um arrefecimento da adesão ao catolicismo, por outro, no catolicismo que resiste, é patente a existência do carismatismo que dá o tom das celebrações religiosas, das atividades pastorais e produz o aumento das Comunidades de Aliança e Comunidades de Vida no Espírito Santo (OLIVEIRA, 2004). Muitos dos padres recém-ordenados são de orientação carismática, fato que pode catalisar ainda mais a expansão da RCC no estado. Em pesquisa recente verificou-se (FERNANDES, 2010) que a adesão dos jovens ao sacerdócio na região

⁶ Associação de fiéis católicos que tem reunido jovens de todo o país para viver os votos de castidade, pobreza e obediência em estilo de vida franciscano ou simplesmente atuar como leigos na chamada “família da Toca”.

metropolitana do Rio de Janeiro é em grande parte favorecida pela proposta espiritualista da RCC.

O universo pesquisado

A pesquisa contemplou paróquias católicas de quatro municípios do estado do Rio (incluindo a capital) sorteadas por meio de desenho amostral⁷: Campos, Laje do Muriaé e Silva Jardim. Essa escolha obedeceu a critérios quantitativos e qualitativos. No primeiro caso, levantei a posição dos municípios no *ranking* do estado. Silva Jardim, situado a noroeste, possuía, de acordo com o censo disponível à época (censo de 2000), uma população católica de 33,3%, sendo, portanto, a cidade que agregava o menor índice de adeptos do catolicismo. Atualmente, este município perdeu essa posição⁸ e reúne 26,8% de católicos, seguindo a persistente tendência de declínio. Por outro lado, em Laje do Muriaé, a oeste do estado, havia 82,9% de católicos no censo de 2000, fato que a colocava em 1º lugar no *ranking* de adeptos do catolicismo no estado do Rio de Janeiro. Laje do Muriaé ainda se mantém nessa posição, mas com um índice inferior de católicos, 77%. Quanto aos critérios qualitativos, elegi o município de Campos dos Goytacazes por sua história de rejeição às mudanças propostas pelo Concílio Vaticano II quanto à modernização dos ritos católicos e abertura da Igreja ao mundo moderno. Atualmente, o município agrega 50,1% de católicos quando em 2000 possuía 59,2%. O Rio de Janeiro foi escolhido tendo em vista seu *status* de capital cultural capaz de expandir comportamentos e hábitos em nível nacional. Em 2000 havia 60,7% de católicos na capital, mas o censo de 2010 constatou novo declínio desse contingente que hoje totaliza 51% da população carioca.

A metodologia previu estudo prévio dos municípios a partir de dados secundários obtidos no IBGE; a realização de entrevistas em profundidade com roteiro semiestruturado a serem realizadas com católicos em suas paróquias, especialmente aqueles que teriam histórico na RCC. Os pesquisadores acompanhavam algumas das atividades religiosas desses fiéis e construíam registros

⁷ Em razão dos recursos disponíveis, uma amostra de 5% das paróquias do Rio de Janeiro (248 paróquias em 2010 cujos 5% totalizaram doze paróquias) e 10% das 20 paróquias de Campos, (duas paróquias na pesquisa). Em Silva Jardim e Laje do Muriaé há respectivamente uma paróquia. A pesquisa em Campos foi coordenada pela professora Wania Mesquita e executado pelas alunas Vanessa Palagar e Michelle Piraciaba. Agradeço a parceria. O período de coleta compreendeu o ano de 2010 até 1º sem. 2012.

⁸ O município de Queimados passou a assumir essa posição com pequena diferença percentual em relação à Silva Jardim, totalizando, portanto, 26,3% de católicos.

compostos por fotos e diários de campo, além das próprias entrevistas. A duração inicialmente prevista foi de 2 anos.

Dificuldades e progressos no campo

A pesquisa de campo foi retardada em razão dos procedimentos protocolares, da adequação dos pesquisadores à agenda paroquial e dos horários dos párocos para atender aos pesquisadores. Outra dificuldade foi a não permissão da realização da pesquisa por parte de alguns padres⁹, sob diversas alegações: descrédito; temor de perseguição por parte do arcebispado e ainda atitudes de intolerância religiosa com um dos pesquisadores que declarou ser evangélico ao ser questionado. O padre entendeu que o trabalho de campo teria o objetivo de atrair fiéis para as Igrejas evangélicas. Não obstante minhas tentativas em esclarecer o caráter não proselitista da pesquisa e o seu fim científico, não conseguimos o efeito esperado.

Situações de interrupção também ocorreram ocasionadas pelas dificuldades dos alunos pesquisadores que estudavam em horário dos encontros nas paróquias. Por fim, várias paróquias inicialmente sorteadas tinham que ser substituídas na medida em que não se conseguia contato com os líderes religiosos ou com o padre, gerando novos atrasos no cronograma. A maioria desses percalços ocorreu no Rio de Janeiro. Ao final, realizamos entrevistas em onze paróquias no Rio de Janeiro, duas paróquias em Campos e nas paróquias de Silva Jardim e Laje do Muriaé. Ao todo foram feitas cem entrevistas em profundidade tratadas inicialmente em planilhas e posteriormente no programa de análise qualitativa *NÍvo*; foram produzidos cinquenta e quatro diários de campo e um acervo de fotos ainda em fase de catalogação.

Breves notas da pesquisa na cidade do Rio de Janeiro

No Rio de Janeiro há um catolicismo carismático que vem se reconfigurando, sobretudo a partir das novas comunidades religiosas. Constatamos um declínio do número de participantes nos tradicionais grupos de oração ampliando o espaço para outras modalidades de carismatismo. A média de participação nos grupos é de vinte membros, mas há os eventos tais como, **missas de cura** ou **tardes de louvor** que reúnem cerca de duzentos participantes. O perfil dos membros compreende mulheres

⁹ No total de doze padres contatados tivemos cinco negativas.

de meia idade (40 anos) ou mais. Há poucos homens e jovens. Quanto ao perfil dos grupos há práticas de reforço de símbolos do catolicismo juntamente com a ênfase no uso da Bíblia. Há ainda predomínio dos discursos de cura e libertação; críticas a programas da Rede Globo, como o *Big Brother* Brasil, além de críticas ao Espiritismo demonstrando um *continuum* entre carismáticos e pentecostais. Em uma das paróquias, por exemplo, o padre usou sal grosso e água para exorcizar o que haveria de velho na Igreja: “Na Igreja católica tudo é velho e cacarecado. Tá amarrado em nome de Jesus.”

Foi identificado forte conservadorismo moral no discurso dos católicos carismáticos corroborando tendências observadas em pesquisas anteriores. Assim, é pedido às moças o uso de saias longas em lugar de calças compridas na Igreja. Esse perfil mais conservador, entretanto, é muito circunscrito à liderança do grupo e pode se diversificar a depender do padre. Identificamos ainda um excesso de tarefas dos padres sempre muito ocupados e muitas vezes com baixa disposição para o atendimento de paroquianos e visitantes. Alguns padres identificam o que chamam **pastoral dos mesmos** numa alusão à falta de renovação dos fiéis nas atividades religiosas.

Os católicos no Rio de Janeiro têm desenhado algumas estratégias para expandir a mensagem religiosa e eventualmente conter a evasão dos fiéis. Dentre as ações registramos a organização dos fiéis de uma paróquia para o **O dia D**, numa analogia curiosa à operação militar na Normandia na II Guerra Mundial. Vejamos o registro:

Precisamos ter mais intimidade com a bíblia. Pessoas que estão na missa também precisam ser evangelizadas porque, às vezes, teve uma catequese fechada na lei. [...] É importante testemunharmos. Por isso, amanhã nós teremos o dia D, vamos sair de dois em dois pelas ruas. Primeiro eu vou falar com o frei XX e pedir autorização [...], o Brasil inteiro vai estar realizando evangelização [...] Quando a gente chegar às casas, nós vamos nos apresentar como católicos apostólicos romanos. Nós não vamos nos apresentar como RCC, nós somos católicos apostólicos romanos que fazemos parte de um movimento eclesialístico. Nós vamos levar a arma que é a Bíblia e vamos todos uniformizados. Dicas para o trabalho: 1 Se a pessoa não estiver consciente – drogada ou bêbada – ela não deve ser evangelizada; 2. Levar a Bíblia; 3. Ir de uniforme; 4. Respeitar o limite do outro, não insista, pois Deus é amor; 5. Não pode demorar muito com a mesma pessoa; 6. Seja em todo tempo educado; 7. Vamos bater de porta em porta; 8. É preciso estar cheio do Espírito Santo; 9. Deixar a pessoa abordada falar também porque ela pode está querendo desabafar. (Mulher católica, RCC, Rio de Janeiro).

Reforço de identidade católica, estratégia de guerra e esforço na tentativa de reconversão de antigos católicos são alguns dos elementos presentes na narrativa acima, que ilustram a similaridade entre práticas de católicos carismáticos e seus concorrentes neopentecostais em franca expansão no Brasil e a tentativa de contenção de evasão de fiéis no Rio. Outros dados estão sendo analisados e serão divulgados em trabalhos posteriores.

Neste texto procurei demonstrar duas situações empíricas que podem ser pensadas em consonância com teorias que abordam o lugar do pesquisador das Ciências Sociais na contemporaneidade e a complexidade das escolhas metodológicas no estudo da religião no Brasil. Meu argumento principal consiste na proposição de que, em diálogo, sociólogos e antropólogos podem sofisticar suas ferramentas analíticas de modo a tecer suas peças artesanais de forma sempre mais criativa e instigante.

**ON CRAFTSMEN AND TOOLS: THE STUDY OF RELIGION
IN BRAZIL AND SOME METHODOLOGICAL TRENDS.**

ABSTRACT: *The study of religion in Brazil has expanded with emphasis on ethnographic approaches and / or anthropological. This fact inquires the major absence of Sociology in the analysis of the religious phenomena, and questions on the details of the methodological routes along of our investigations. In this text I look to the sociological thinking practice applied to the study of religion from contributions of the authors C. Wright Mills, Richard Sennett and Tim Ingold about the researcher's relationship with the material world. From a preliminary survey in the Religion and Society Journal, I work on the second section on some methodological trends and areas of knowledge prevailing in the journal during the past six years. In the last section, I present the design of a sociological research on Catholicism in the state of Rio de Janeiro and methodological ways, focusing on the main challenges faced by developing of the study.*

KEYWORDS: *Scientific methodology. Sociology of religion. "Intellectual craft". Catholicism.*

Referências

ALMEIDA, R. A expansão pentecostal: circulação e flexibilidade. In: TEIXEIRA, F; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil: continuidades e rupturas**. Petrópolis: Vozes, 2006. p.111-122.

ALMEIDA, R.; MONTERO, P. Trânsito religioso no Brasil. **São Paulo em Perspectiva**, São Paulo, v.15, n.3, jul/set., 2001. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392001000300012&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 mar. 2012.

BOSI, A. P. O artífice. **Estudos de Sociologia**, Araraquara, v.15, n.28, p.291-294, 2010.

CAMPOS, L. S. Os mapas, atores e números da diversidade religiosa cristã brasileira: católicos e evangélicos entre 1940 e 2007. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, São Paulo, n.8, 2008.

CARDOSO, A. et. al. Pesquisa quantitativa no campo religioso: reflexões ulteriores sobre a experiência de participação de um grupo acadêmico de estudos da religião em duas pesquisas quantitativas. **Revista de Estudos da Religião – REVER**, São Paulo, n.3, p.86-99, 2002.

CARVALHO, I. C.; STEIL, C. Apresentação. In: CARVALHO, I. C.; STEIL, C. **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold**. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

COELHO, L. D. Trânsito religioso: uma revisão exploratória do fenômeno brasileiro. **Vox Faífae: Revista de Ciências Humanas e Letras das Faculdades Integradas da Fama, Goiânia**, v.1, n.1, 2009. Disponível em: <http://www.faiifa.edu.br/revista/index.php/voxfaifae/article/viewArticle/6>. Acesso em: 20 set. 2011.

DURHAM, E. R. A Pós-Graduação em Ciências Sociais. In: MARTINS, C. B. (Org.). **Para onde vai a Pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil?** Bauru: Ed. da USC, 2005. p.169-182.

FERNANDES, S. R. A. **Jovens religiosos e o catolicismo: escolhas, desafios e subjetividades**. Rio de Janeiro: Quartet/FAPERJ, 2010.

_____. **Novas formas de crer: católicos, evangélicos e sem-religião nas cidades**. São Paulo: CERIS, 2009.

FERNANDES, S. R. A. (Org.) **Mudança de religião no Brasil: desvendando sentidos e motivações**. São Paulo: Palavra e Prece, 2006. (Coleção Ceris).

FERNANDES, S. R. A.; FROEHLE, B. T. Revitalization movements, social change, and justice: Brazil's Toca de Assis in global perspective. In: O'MALLEY, S. (Ed.). **Interpretive**

trends in christian revitalization for the early twenty first century. Kentucky: Emeth Press, 2011.

GRAAF, N. D.; GROTEHUIS, M. T. Traditional christian belief and belief in the supernatural: diverging trends in the Netherlands Between 1979 and 2005. **Journal for the Scientific Study of Religion**, [s.l], v.47, n.4, p.585-598, 2008.

INGOLD, T. Caminhando com dragões: em direção ao lado selvagem. In: STEIL, C.; CARVALHO, I. C. M. (Org.) **Cultura, percepção e ambiente: diálogos com Tim Ingold.** São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

_____. Beyond biology and culture. The meaning of evolution in a relational world. **Social Anthropology**, Cambridge, v.12, n.2, p.209-221, 2004.

_____. **Become persons:** consciousness and sociality in human evolution. *Cultural Dynamics*, Durham, v.4, n.3, p.355-378, 1991.

JACOB, C. R. et. al. **Religião e sociedade em capitais brasileiras.** Rio de Janeiro: Ed. da PUC; São Paulo: Loyola, 2006.

_____. **Atlas da filiação religiosa e indicadores sociais no Brasil.** Rio de Janeiro: Ed. da PUC; São Paulo: Loyola, 2003.

MACHADO, M. das D. **Carismáticos e pentecostais:** adesão religiosa na esfera familiar. Campinas: Editores Associados, 1996.

MARIZ, C. L. A sociologia da religião de Max Weber. In: TEIXEIRA, F. (Org.). **Sociologia da religião-ênfoques teóricos.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p.67-93.

_____. Comunidades de vida no Espírito Santo – juventude e religião. **Tempo Social**, São Paulo, v.17, n.2, p.253-273, 2005.

MILLS, C. W. **A imaginação sociológica.** Rio de Janeiro: Zahar, 1969.

NERI, M. C. (Org.). **Economia das religiões.** Rio de Janeiro: FGV: IBRE, 2007.

NOVAES, R. Os jovens, os ventos secularizantes e o espírito do tempo. In: TEIXEIRA, F.; MENEZES, R. (Org.). **As religiões no Brasil:** continuidades e rupturas. Petrópolis: Vozes, 2006. p.135-160.

OLIVEIRA, E. M. “O mergulho no Espírito Santo”: interfaces entre o catolicismo carismático e a Nova Era (o caso da Comunidade de Vida no Espírito Santo Canção Nova). **Religião e Sociedade**, Rio de Janeiro, v.24, n.1, p.85-112, 2004.

SANCHIS, P. Religiões, religião... alguns problemas do sincretismo no campo religioso brasileiro. In: SANCHIS, P. (Org.) **Fiéis e cidadãos: percursos de sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2001. p.9-57.

SENNETT, R. **Juntos**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2012.

_____. **O artífice**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Record, 2009.

SILVA, R. C. M. A teoria da pessoa de Tim Ingold: mudança ou continuidade nas representações ocidentais e nos conceitos antropológicos? **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 17, n.35, p.357-389, jan./jun. 2011.

SOARES, G. A. D. O calcanhar metodológico da ciência política no Brasil. In: MARTINS, C. B. (Org.) **Para onde vai a Pós-graduação em Ciências Sociais no Brasil?** Bauru: Ed. da USC, 2005. p.73-104.

SOUZA, L. A. G; FERNANDES, S. R. A. (Org.) **Desafios do catolicismo na cidade: pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras**. Rio de Janeiro; São Paulo: Paulus, 2002.

VELHO, G. Ciências Sociais e biografia individual. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v.2, n.38, 2006.

Recebido em 03/09/2012.

Aprovado em 12/12/2012.

